



veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2491 - ano 49 - nº 33
17 de agosto de 2016



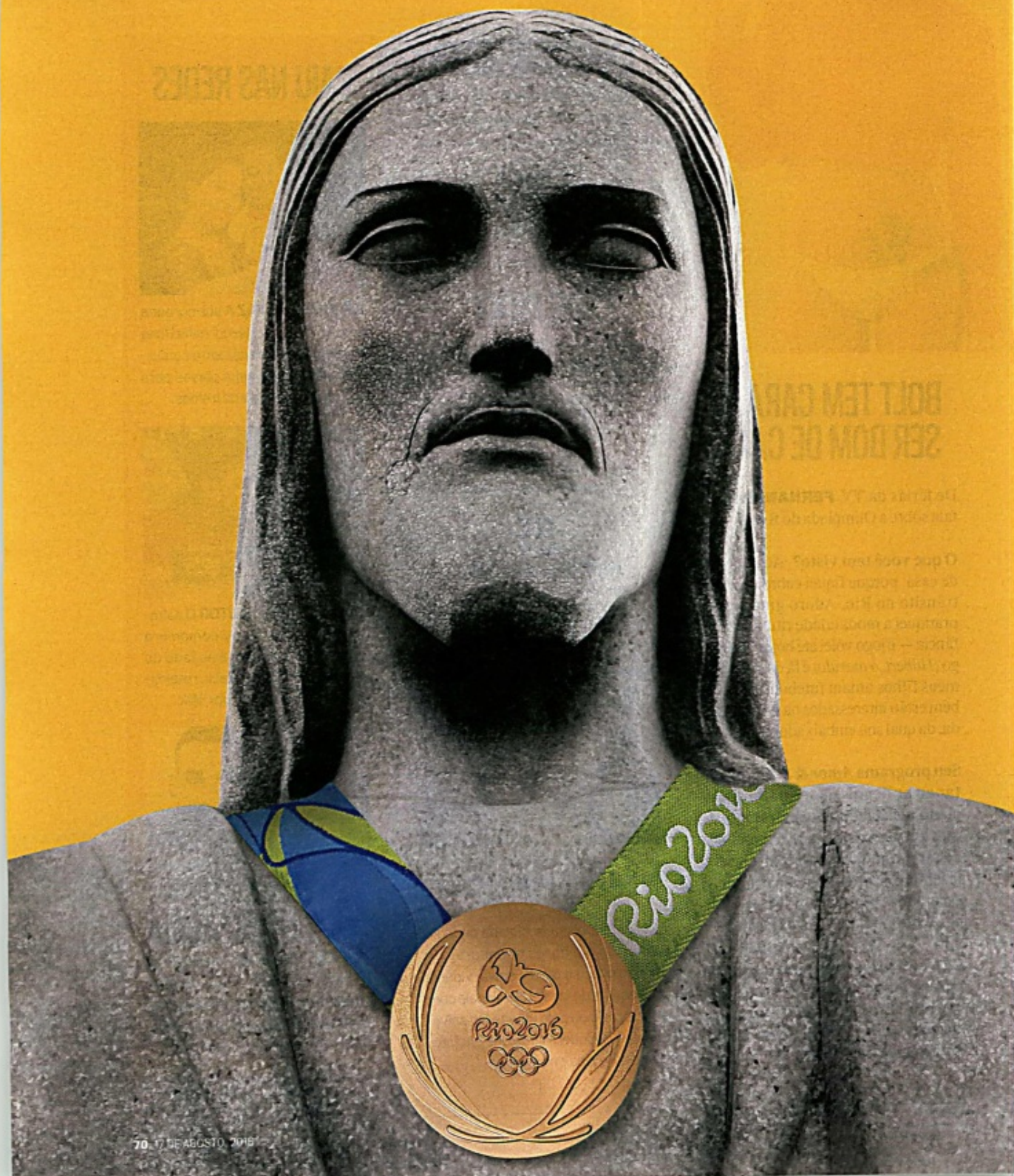
O BRASIL SURPREENDE O MUNDO



A Olimpíada do Rio colocou a cidade e o país no centro da atenção planetária – e os gringos estão descobrindo o real significado das profecias “desastróficas”



RIO 2016



A CAMINHO DO PÓDIO

Os jornais estrangeiros continuam falando mais mal do que bem dos Jogos, mas, nas postagens em inglês nas redes, o humor mudou: sai o medo da zika e entra o encantamento com a cidade

CECÍLIA RITTO E DANIEL HESSEL TEICH

ANTES DO INÍCIO dos Jogos, a imprensa mundial previu que a Olimpíada do Rio seria um fracasso de proporções amazônicas. Um jornalista americano chegou a dizer que seria uma “desastrose”, a confluência desesperadora de “desastre” com “catástrofe”. Os artigos citavam a podridão das águas da Baía de Guanabara, a ameaça do terrorismo islâmico, os índices inaceitáveis de criminalidade, a crise política surreal, a recessão econômica histórica e, pavor dos piores, a ameaça da zika (repórteres do *New York Times* receberam dois tipos de repelente contra mosquitos antes de embarcar para o Brasil). Depois que os Jogos começaram... bem, a baía continuou do mesmo jeito, assim como a crise e as ameaças, mas deu-se um fenômeno que está surpreendendo o mundo: mesmo com tudo igual, algo mudou.

Um levantamento feito pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que monitora e analisa diariamente o colossal volume de dados que circula

nas redes sociais, mostrou que a percepção antes predominantemente negativa tanto dos brasileiros quanto dos estrangeiros sobre os Jogos e o Rio de Janeiro deu espaço a uma visão positiva depois que o espetáculo começou (leia a reportagem na pág. 74).

No caso específico dos estrangeiros, a conclusão é fruto da análise de 450 000 posts escritos em inglês que circularam no Twitter, Facebook e Instagram. Nas mensagens pré-olímpicas, sobressaíam os mesmos medos propagados pelos jornalistas estrangeiros: de um ataque terrorista e do vírus da zika, principalmente. Isso quase não se vê mais. O que predomina agora são menções entusiasmadas aos pontos turísticos do Rio, suas opções de lazer e sua pujante vida noturna. Uma a cada três mensagens examinadas enfatiza esses aspectos. As curtidas dominaram o Facebook, e os corações, o Instagram.

A inflexão se deu na festa de abertura dos Jogos (“Arrebatadora”, segundo o jornal alemão *Süddeutsche*

Zeitung; cheia de “engenhosidade e estilo”, de acordo com a revista inglesa *The Economist*). Desempenhos espetaculares de atletas como Michael Phelps e da ginasta Simone Biles também ajudaram a provocar uma enxurrada de postagens elogiosas aos Jogos. A plateia, que tinha sido motivo de piada por sua, digamos, eloquência um tanto desabrida, mereceu aplausos pela solidariedade que demonstrou para com os não tão vitoriosos assim. O nadador barrigudo da Etiópia, Robel Kiros Habte, por exemplo, nunca imaginou, mesmo em seus mais doces sonhos, que seria aplaudido de pé por ter chegado em último lugar. Nos Jogos, o Rio está fazendo o que sabe fazer melhor: receber de braços abertos os que vêm à cidade.

Outra surpresa que surgiu da análise da FGV é que o vôlei de praia tem sido mais citado nas redes que o basquete, em geral o esporte que mais ganha co-



TOQUE NA IMAGEM PARA OUVIR
O TEXTO DESTA REPORTAGEM

mentários positivos nas Olimpíadas, sobretudo nos Estados Unidos. O motivo: o mesmerizante cenário em que as disputas acontecem e que une as montanhas com o mar de Copacabana. É unanimidade: trata-se da mais bonita arena de vôlei de praia das Olimpíadas — e ainda com piso original (capitais que já sediaram os Jogos, como Londres, na Inglaterra, e mesmo a litorânea Sydney, na Austrália, tiveram de “importar” areia). No fim da tarde, quando o pôr do sol tinge a praia de vermelho, não há queixo que pare no lugar.

Do lado de fora das arenas, no entanto, o Rio também continua sendo o Rio. Arrastões, balas perdidas, policiais alvejados e pessoas assassinadas — segue tudo igual, mesmo com cerca de 40 000 agentes de segurança patrulhando a cidade. Logo na manhã que antecedeu a cerimônia de abertura dos Jogos, uma arquiteta foi morta num assalto próximo ao Porto Maravilha, o principal símbolo da revitalização do Centro. No dia seguinte, uma bala perdida atingiu a sala de

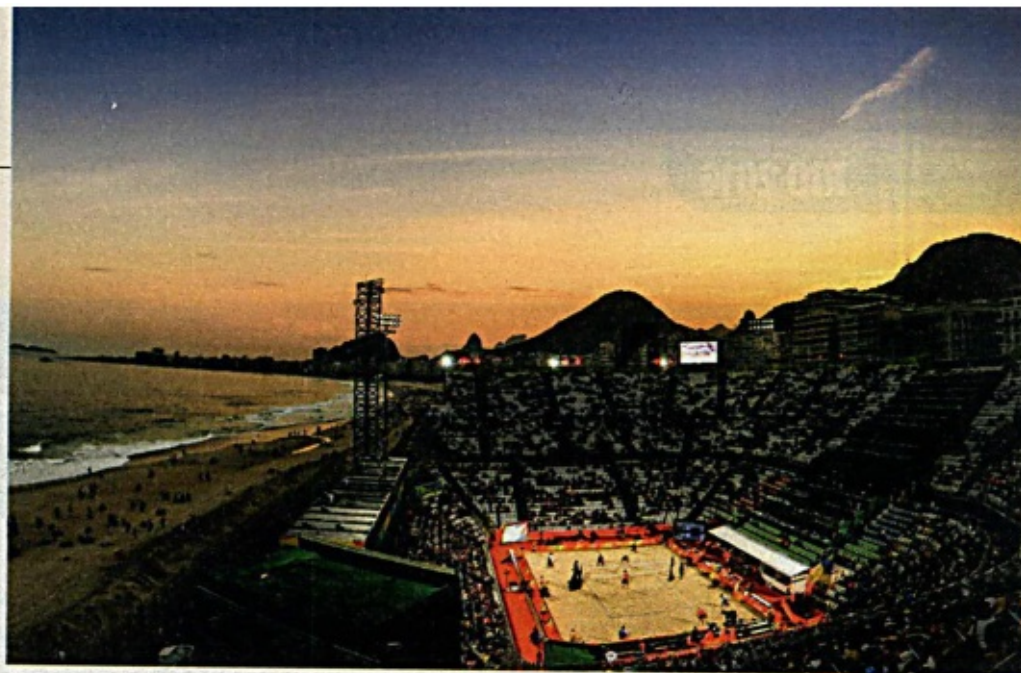
imprensa do Complexo de Deodoro (inacreditavelmente, o fato se repetiu durante a semana). Na última quarta-feira, nem a Força Nacional escapou — uma emboscada de criminosos da favela da Maré feriu dois militares. Um deles morreu.

Com tudo isso, era de esperar que a imprensa mundial não desse trégua. E não deu mesmo. Um levantamento de VEJA sobre as reportagens e análises de catorze veículos de comunicação de sete países (Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, Argentina, Espanha e Japão) mostrou que, quando se dedicam a falar do entorno dos Jogos — da organização, da infraestrutura, do comportamento dos brasileiros e do Rio de Janeiro, enfim, tudo aquilo que pode atrapalhar ou realçar positivamente a experiência de assistir à Olimpíada —, os jornais estrangeiros dão mais espaço às notícias negativas, como é comum em toda a imprensa. Ao longo de uma semana, foram 29 reportagens positivas e 73 negativas sobre esses temas.

O campeão das reportagens críticas foi o episódio das águas das piscinas que dormiram azuis e acordaram esverdeadas. Foram 21 textos a respeito do assunto. Em seguida, vieram as notícias sobre as balas perdidas que atingiram instalações olímpicas, o ônibus de jornalistas atacado (segundo a polícia do Rio, a pedradas; segundo os jornalistas, a tiros) e assaltos. Todas as matérias negativas do site da France 24 sobre o Rio de Janeiro tratam dos problemas de segurança: “Roubos, assaltos e balas perdidas” entram logo no título. O jornal francês *Le Monde* comentou as demonstrações políticas nas arquibancadas (“Fora, Temer”) e criticou o fato de pessoas terem tido cartazes rasgados e confiscados, até que a Justiça decidiu que, sim, a liberdade de expressão ainda vigora no país, mesmo em instalações olímpicas. As publicações alemãs adotaram o mesmo tom em relação à “repressão aos protestos”. Os ingleses do *The Independent* produziram uma série de artigos sobre a

piscina de água verde e a poluição da Baía de Guanabara.

Brasileiros se importam com o que o mundo pensa deles. E, se é assim em todo lugar, aqui há um pouco mais de motivos para isso. “O Brasil foi construído nos seus primeiros 300 anos a partir do olhar estrangeiro, e 300 anos não são 300 dias. Então, naturalmente esse olhar de fora se perpetuou”, diz Benjamin Moser, ensaísta americano especializado em Brasil e autor de estupenda biografia de Clarice Lispector. O fato de Portugal ter inicialmente proibido a abertura de faculdades e jornais na sua então colônia foi fundamental para sedimentar essa cultura, analisa o escritor. “Por causa desse veto, todos os que falaram ou escreveram sobre ele no período eram estrangeiros. O país, assim, desenvolveu uma dependência do olhar de fora”, diz. O antropólogo Roberto DaMatta acrescenta outro dado à análise histórica de Moser: “A preocupação com a visão do exterior é reveladora de que a



DE CAIR O QUEIXO Cenário mesmerizante fez o vôlei virar estrela nas redes

nossa opinião sobre nós mesmos não conta muito. É uma óbvia nota baixa para a autoestima brasileira, o que Nelson Rodrigues chamou de complexo de vira-lata”.

Desta vez, no entanto, é possível dizer que o Brasil surpreendeu o mundo. Não porque a organização dos Jogos tem sido perfeita nem porque a crise, a zika e os assaltos sumiram de repente do mapa. Mas, diante de profecias tão “desastróficas”, até as falhas estruturais do evento e os episódios de violência ganharam ares

de problema previsível. Com isso, ao menos para quem tem a sorte de estar neste momento no Rio, houve mais tempo para apreciar outras coisas, como a beleza de uma disputa olímpica travada entre o mar e a montanha, numa das cidades mais bonitas do mundo, num país que, torcemos todos, ainda há de subir ao pódio muitas vezes — e correr mais rápido, saltar mais alto e ser mais forte. ■

Com reportagem de Pieter Zalis
e Luiz Felipe Castro